

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

A Guerra dos Mundos

H. G. Wells



leon



TRALHASVARIAS.BLOGSPOT.COM

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

A Guerra dos Mundos

H.G. Wells



Clássicos Juvenis
Ilustrados

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

A Guerra dos Mundos

H.G. Wells

EDITORIAL  PUBLICA

Tradução de Maria Aute de Barros

Copyright © 1974, 1985 by Pendulum Press, Inc. (United States of America)

Todos os direitos reservados para a publicação desta obra em Portugal pela
EDITORIAL PUBLICA, LDA.

Av. Poeta Mistral, 6-B — 1000 Lisboa

Capa: José Antunes

Revisão gráfica: António Marques Francisco

Composto por Textype — Artes Gráficas, Lda.

Impresso por Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda.

Edição n.º 602

Acabada de imprimir em Setembro de 1985

Depósito Legal n.º 6020/84



O Autor

H. G. Wells, romancista, sociólogo e historiador inglês, nasceu em Bromley, Kent, em 1866.

Com bolsas de estudo, Wells frequentou a Faculdade de Ciências de South Kensington. Licenciou-se em 1888 e continuou a estudar, obtendo o grau de bacharel em Ciências, da Universidade de Londres. Foi professor desta matéria até 1893, data em que passou a dedicar-se ao jornalismo.

Com 29 anos, Wells publicou o seu primeiro livro. Muitas vezes fez a especulação científica passar por ficção, como foi o caso de «O Homem Invisível», um romance científico.

Em «A Guerra dos Mundos», Wells não se limita a interrogar-se sobre o que poderia acontecer, mas perspectiva o que certamente aconteceria... A sua obra exerceu uma influência muito grande na geração de então, bem como nas posteriores.

H. G. Wells

A Guerra dos Mundos

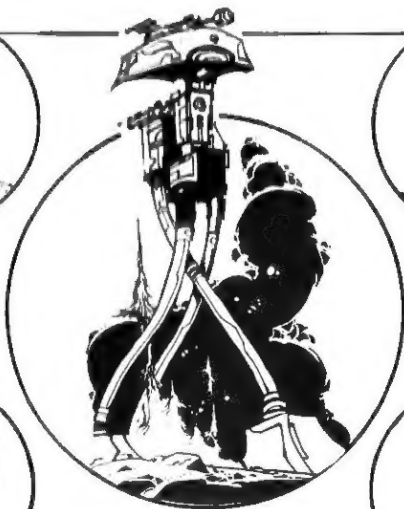
Adaptação
NAUNERLE FARR

Ilustração
ALEX NINO

Produção
VINCENT FAGO



Narrador



Marciano



Ogilvy



Mulher do narrador



Sacerdote



Nos finais do século XIX ninguém acreditava que existissem criaturas mais inteligentes do que o homem vigiando a Terra. Mas no espaço distante, esses seres planeavam atacar-nos.

Nessa época, os astrónomos* do mundo andavam entusiasmados com a notícia de uma explosão em Marte. Uma bola de fogo dirigia-se para a Terra. À parte algumas notícias nos jornais, ninguém parecia preocupado com esse perigo.

Eu próprio soube-o por acaso, em conversa com Ogilvy, um astrónomo amigo.



Nessa noite, observei outra explosão de gás à meia-noite.

Há uma espécie de faixa avermelhada que se dirige para cá.



Ridículo! São mínimas essas possibilidades. Deve ser uma chuva de meteoritos* ou uma explosão vulcânica.



E as naves marcianas iam-se aproximando, cada vez mais, da Terra!

Logo de manhã, partiu à procura dele.



Deve estar por aqui... algures neste baldio**.

E chegou a noite da primeira nave atingir a Terra. Muitos a viram, incluindo Ogilvy.



Um meteorito!
Tão perto.



Fumo!
Incendiou o campo.

* corpo sólido proveniente do espaço interplanetário
** terreno inculto



Espantoso!
Um cilindro*.
Os meteoritos
são arredondados.

*Ogilvy mantinha-se afastado
por causa do calor.*



Um estalido!
Deve ser o
metal a
arrefecer...



A tampa está
a abrir-se!

*De repente, compreendeu
— o cilindro era oco!
Havia algo lá dentro!*



*Percebeu então a
ligação existente
com o clarão de
Marte.*



*Saiu do buraco e foi a Woking buscar
ajuda. A primeira pessoa que
encontrou foi Henderson, repórter de
um jornal londrino, que estava a
tratar do jardim.*



*Caiu no
baldio de
Horsell!*



Enquanto voltavam ao baldio, Ogilvy contou a Henderson o que vira.



Sem poderem fazer nada, foram à cidade procurar socorro.



Bateram no metal com uma vara, mas não obtiveram resposta.



As notícias espalharam-se depressa. Eu fiquei a saber quando fui buscar o jornal.



Assustado, fui ver com os meus olhos. Já lá havia muita gente.

A tampa do cilindro está a abrir-se do interior.



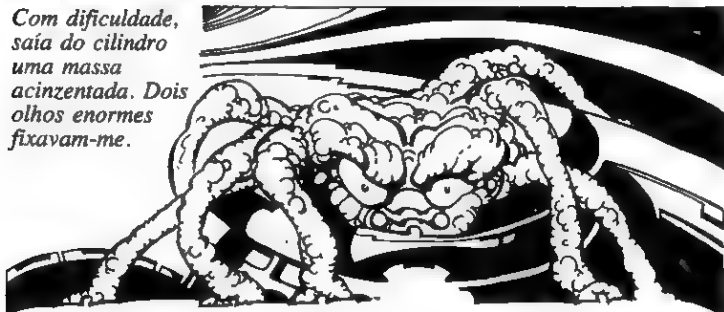
Acho que todos esperavam ver sair um homem — eu esperava. Mas o que vi na sombra foram dois círculos brilhantes como olhos. Depois, uma coisa, cinzenta como uma cobra, mexeu-se em direcção a mim.



Uma mulher gritou. Atrás de mim, as pessoas afastavam-se. Eu estava paralisado a ver sair uns tentáculos.*



Com dificuldade, saía do cilindro uma massa acinzentada. Dois olhos enormes fixavam-me.



De repente, com estrondo e um grito estranho, o monstro caiu do cilindro; e outra criatura apareceu na abertura.



Corri como louco, aos tropeções, para umas árvores, mas continuava a olhar.

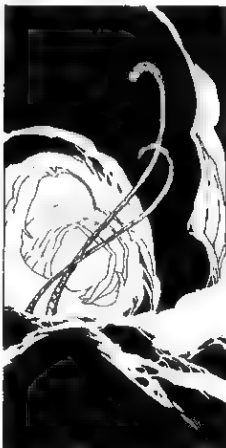


* órgão de preensão e movimento de alguns invertebrados

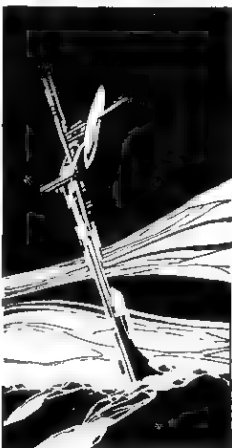
Do meio do arvoredo fui observando receoso, mas interessado.



Apêndices pretos como os tentáculos de um polvo, brilhavam contra o pôr do Sol.



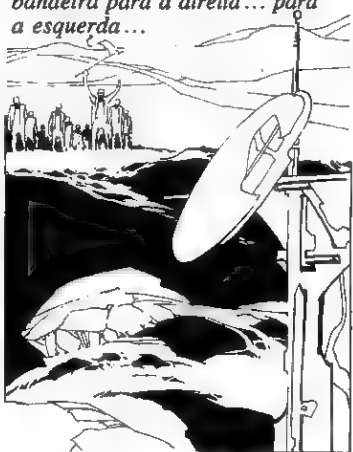
Então, uma vara fina ergueu-se no ar, com uma chapa redonda que girava no cimo.



Vi um grupo de homens que se dirigia para o buraco. O da frente trazia uma bandeira branca.



Tinham decidido tentar falar com os marcianos. Agitavam a bandeira para a direita... para a esquerda...



Viu-se um clarão. Do buraco saiu um fumo verde em três lufadas.



Lentamente, ergueu-se uma forma no buraco e um raio de luz saiu dele ...



Um raio de luz ofuscante! Os homens que atingia caíam paralisados. Os pinheiros e a erva seca incendiaram-se.



Não podia mexer-me. Se o raio tem
avançado um pouco mais, também
eu teria morrido.



Mas falhou e, ao passar, deixou
atrás uma noite escura e hostil.



Tive medo. Voltei-me e comecei a
correr desesperado pelos campos.



Para trás e à volta do buraco,
ficavam 40 cadáveres, incluindo os
de Ogilvy e Henderson.



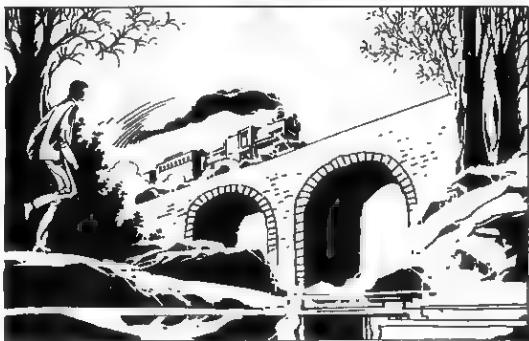
Não me lembro da minha fuga, a não ser do medo. Finalmente, cambaleante, caí à beira da estrada.



Acabei por me levantar e retomar o caminho. O silêncio do baldio e a minha fuga pareciam um sonho.



Na ponte, passava um comboio em direcção ao Sul. Ouvi vozes num quintal próximo. Tudo era familiar — e os mortos que tinham ficado para trás?



Parei perto de um grupo de pessoas.

Há notícias sobre o baldio?

Não estiveram lá?

De que se trata?





Senti-me ridículo e furioso. Percebi que não adiantaria dizer-lhes o que vira.



Em casa, contei à minha mulher o que se passara. O jantar estava na mesa.



Depois de comer e beber, sentia-me melhor.

Provavelmente, fizeram aquilo porque tinham medo.



Se as coisas piorarem, podemos atirar uma bomba para o buraco.



Eu não sabia, mas aquele seria o último jantar calmo dos próximos dias.

Desconhecia que os marcianos tinham conhecimentos técnicos para ultrapassar o peso dos corpos. Durante a noite trabalharam nas máquinas que iriam usar.



Pelas vinte e três horas, chegaram duas companhias de soldados, que formaram uma linha ao longo do campo.



Poucos segundos depois da meia-noite, caiu outro meteorito!? — o segundo cilindro.



O dia seguinte foi de incerteza. O leiteiro veio como de costume ...



Dizem que voltou a cair outra daquelas coisas — mas uma já chega!



Os seguros vão ter de gastar muito dinheiro até tudo isto acalmar.



Depois do pequeno-almoço, fui até ao baldio. Perto da ponte encontrei uns soldados.



Desculpe... É proibido passar por aqui.

Nenhum deles vira os marcyanos. Disse-lhes o que sabia do raio de calor.



Devíamos rastejar até lá e correr com eles. E como nos protegemos do calor? É deitar-lhes uma bomba e acabar com eles!

Voltei para casa. O dia estava quente e comemos cá fora.



De repente, ouviram-se tiros — e um estrondo violento que sacudiu o chão.



Vimos incendiar-se as copas das árvores próximas e a torre da igrejinha caiu em pedaços.



O cimo do outeiro deve estar ao alcance do raio de calor!

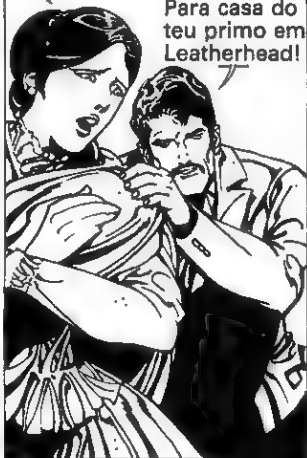
Uma das chaminés estalou como se tivesse sido atingida por uma bomba e uma parte caiu.



Não podemos ficar aqui!

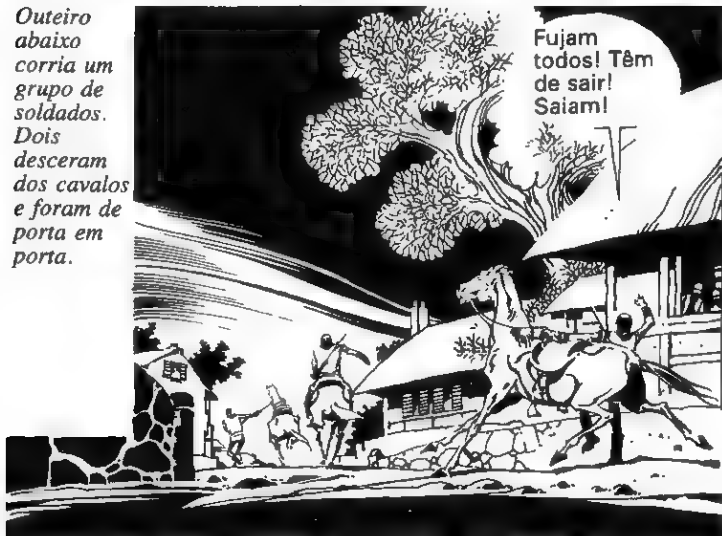
Para onde havemos de ir?

Para casa do teu primo em Leatherhead!



Outeiro abaixo corria um grupo de soldados. Dois desceram dos cavalos e foram de porta em porta.

Fujam todos! Têm de sair! Saiam!



Corri para a estalagem, pois o dono tinha um cavalo e uma carroça.

Dou-lhe duas libras*.
Trago-lha de volta à meia-noite!

Está bem!
Porque é a pressa?



Corri para casa, pus algumas coisas na carroça e saltei para o lugar do condutor, ao lado da minha mulher.



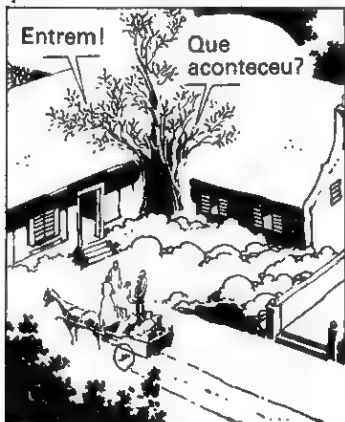
Depressa deixámos o fumo e o ruído. À nossa frente, uma paisagem de sol e calma. As sebes estavam cobertas de flores.



No cimo do outeiro vi faixas de fumo preto riscadas de fogo vermelho. O fumo espalhava-se para Leste e Oeste. Os marcianos incendiavam tudo o que lhes estava ao alcance.



Chegámos a Leatherhead sem problemas e fomos recebidos pelos primos da minha mulher.



A noite estava húmida e escura, com nuvens pesadas. A minha mulher ficou à porta de entrada. O seu rosto estava pálido.



Depois do cavalo descansar, deixei a minha mulher com eles e voltei para trás.



As casas estavam escuras e silenciosas. Tocou a meia-noite numa igreja atrás de mim.



De repente, a estrada encheu-se de luz. As nuvens foram atravessadas por um raio de fogo verde. O terceiro cilindro caiu para a minha esquerda.



Continuámos a andar. Os relâmpagos brilhavam à nossa volta, a chuva batia-me na cara. Comecei por olhar só para a estrada.



Relâmpagos e trovões rebentavam à minha frente. O cavalo espantou-se.



Vi então uma coisa que se movia rapidamente do outro lado do outeiro.



*Como descrever
aquilo que vi? Um
trípode* monstruoso,
que saía do meio dos
pinheiros e os
esmagava ao passar;
uma máquina
ambulante de metal
brilhante.*



* objecto com três pernas

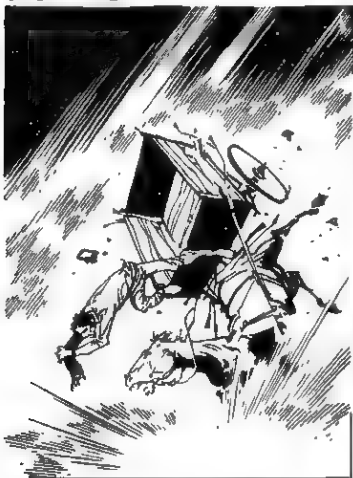
As árvores à minha frente foram derrubadas e apareceu o segundo tripode. Eu dirigia-me para ele!



Forcei o cavalo a voltar a cabeça para a direita.



Momentos depois, a carroça voltou-se. E eu caí dentro de uma poça de água.



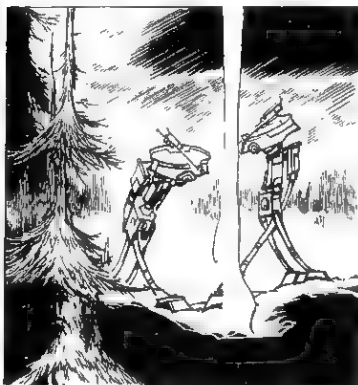
Saí e escondi-me debaixo de uns arbustos. O tripode passou por mim em direcção ao cimo do outeiro.



Ao passar, começou a uivar e juntou-se, depois, ao seu companheiro que estava perto.



Observavam qualquer coisa. Sem dúvida, seria o terceiro cilindro. Olhei-os à distância durante alguns minutos.



Rastejando por uma vala, cheguei a uma floresta de pinheiros.



Só queria chegar a casa. E apesar de cansado, consegui.



Um bocado depois ouvi um barulho lá fora.



Você é soldado! Que aconteceu?

Eles liquidaram-nos! Liquidaram-nos!



Eu sou condutor. Estávamos a levar as armas para o poço de areia...



O cavalo meteu a pata num buraco e caiu. Atirou-me para uma vala.



O canhão
explodiu e as
balas
começaram a
rebentar; havia
fogo e morte
por todo o
lado. Eu fiquei
soterrado.



Fiquei muito tempo imóvel, morto de
medo.



Acabei por fugir
e, nem sei como
vim parar aqui.



Da janela olhámos para o vale. A luz do amanhecer mostrava as ruínas — e três gigantes metálicos, que observavam os danos que tinham causado.



Concordámos que não devíamos ficar ali.

Enchemos os bolsos de comida e esgueirámo-nos para a rua.

Quero juntar-me à minha companhia. Vou levar a minha mulher para lugar seguro!



Atravessámos a mata e na estrada encontramos um oficial a cavalo.



Procuo a minha companhia. Há marcianos perto da estrada.

Qual é o aspecto deles?

São gigantes de metal, com 30 metros de altura. E uma caixa que lança fogo.

Que disparete!



É verdade!

Os soldados tinham dificuldade em fazer as pessoas sair de casa.



Não pode levar isso!

As minhas flores! São valiosas!

Sabe o que está ali?

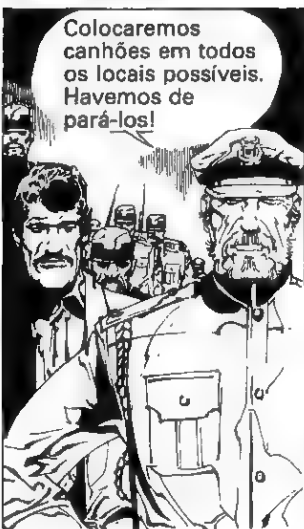
Eh?



Morte!
A morte vem aí!



Numa planície, vimos seis canhões com os respectivos artilheiros ao lado.



Os marcianos avançaram. Corremos a esconder-nos.



Os seis
canhões
dispararam.
Várias bombas
rebentaram.
Então,
ouviu-se um
estrondo!



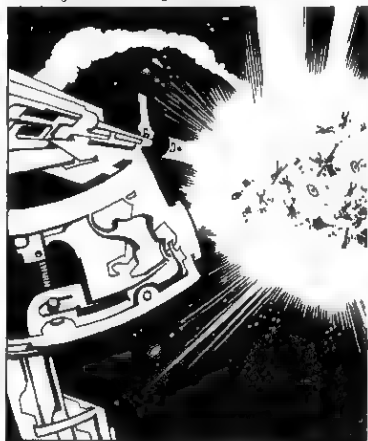
Um dos marcianos vacilou e caiu.



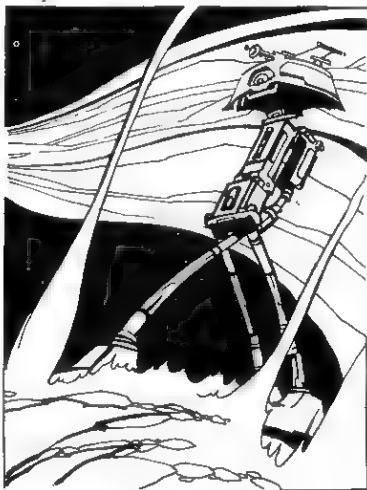
O marciano caído saiu da carapaça e iniciou a sua reparação.



O seu companheiro voltou o raio de calor para os soldados. Canhões e munições começaram a arder.



Reparou a perna com a rapidez com que remendamos roupa!



Com os canhões rebentados e as matas em chamas, as pessoas começaram a fugir. Rastejei para debaixo de uma sebe e, cansado, adormeci.

Quando acordei, estava sentado ao meu lado um sacerdote.



Andava a passear e de repente — fogo, a terra a tremer, morte!



É o fim — é o Dia do Juízo! * É o castigo pelos pecados do homem!



Estes horríveis acontecimentos quase o tinham enlouquecido.

* fim do mundo

De repente vimos dois marcianos.



Sabia que havia canhões escondidos à espera deles e esperei ouvir tiros — e ver os mortais raios de calor.



Mas os marcianos usaram outra arma terrível — fumo negro!



*O fumo mortal
cobriu o chão,
correu pelos
vales, encheu
todas
as fendas.
Respirá-lo era
morrer.*



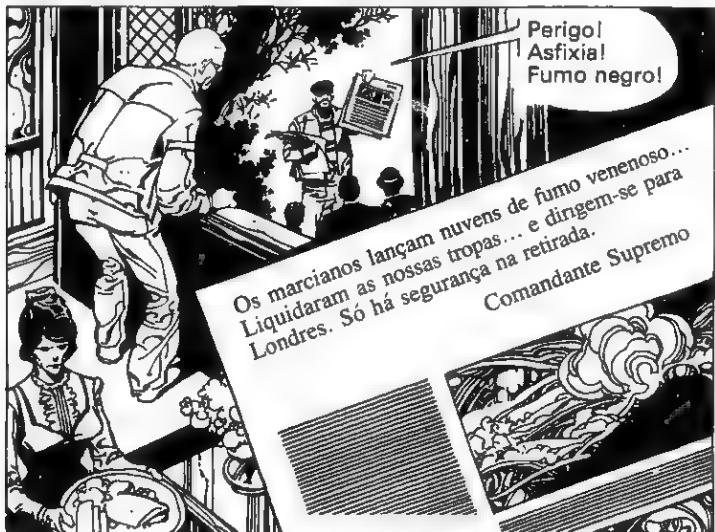
*Depois de matarem toda a gente, os marcianos limpavam o ar com um
jacto de vapor.*



Assim como o homem lança fumo num ninho de vespas, os marcianos lançavam este fumo mortal na direcção de Londres. Onde havia canhões escondidos, eles usavam o fumo negro.



As notícias dos marcianos e o medo chegaram a Londres. O meu irmão mais novo estava lá e contou-me a sua experiência.



*Londres encheu-se de pânico.
Seis milhões de pessoas dirigiam-se para Norte.*



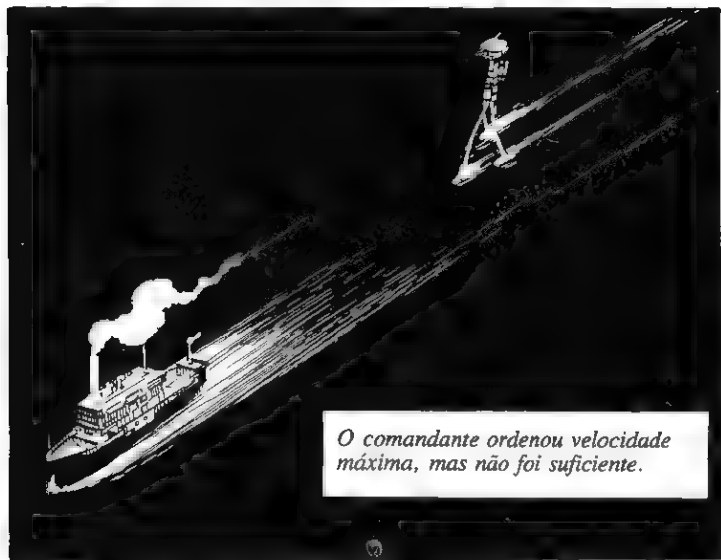
*O meu irmão
conseguiu arranjar
lugar num navio já
superlotado. Barcos
de pesca e outros
recolhiam
passageiros.*



Já tinham deixado a costa, quando apareceu um marciano ao longe.



Era o primeiro que o meu irmão via e, atônito, via-o dirigir-se para eles.



O comandante ordenou velocidade máxima, mas não foi suficiente.

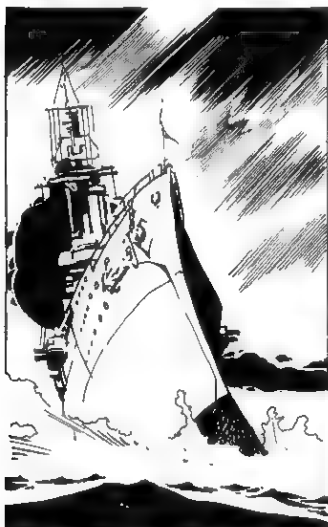
De repente, o vapor guinou e o meu irmão caiu.



A cerca de 90 metros, um vaso de guerra cortava a água.



Era um torpedeiro, que se dirigia para o marciano.*



Os canhões do torpedeiro dispararam.



* navio de guerra que lança torpedos

*O marciano apontou o raio de calor.
O navio foi destruído por uma chama forte.*



À medida que o barco se afastava, uma grande nuvem de fumo não deixava ver nada.

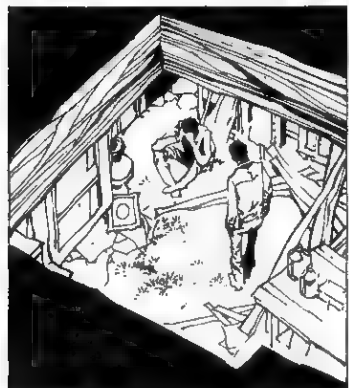


Estava a escurecer quando o comandante gritou.

Era o quarto cilindro que rasgava a escuridão.



Depois dos marcianos usarem fumo negro, durante o pânico em Londres e as aventuras do meu irmão, eu e o sacerdote escondemo-nos numa casa abandonada.



Mas eu sabia que tinha de partir.



Preciso encontrar a minha mulher!

Não me deixe só!

Mais tarde ...

O fumo negro desapareceu! Podemos partir agora.

Não, não! Aqui é seguro!



De repente vimos um marciano.



Vinha a perseguir pessoas, mas não usava o raio de calor.



Em vez disso, levantava-as no ar... e lançava-as numa gaiola metálica.



Ao ver isto, corremos depressa para uma vala.



Já era de noite quando nos atrevemos a sair.



Evitámos a estrada e caminhámos por entre sebes e arbustos.



Entrámos numa casa vazia à procura de comida. Tínhamos fome e sede.



*De repente,
quando
estávamos a
comer, uma luz
verde forte,
encheu o céu e
uma explosão
como nunca
ouvira atirou
tudo pelo ar.*

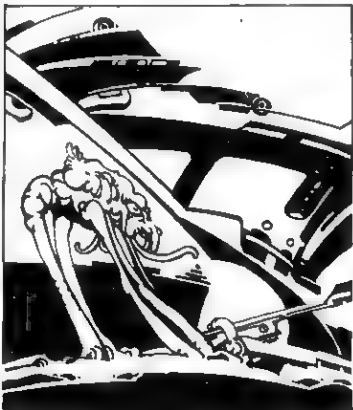


*Quando acordei estávamos às
escuras.*

Chiu!
Não se mexa!
Estão lá fora!



*Até amanhecer, mal nos mexemos.
Então vimos, através de um buraco
na parede, um marciano de guarda.*



O quinto cilindro!
O quinto disparo
de Marte atingiu a
casa e
soterrou-nos!

Deus
tenha
piedade
de nós!



A princípio receei respirar. Depois, a
fome fez-nos procurar comida. Por
uma fenda víamos os marcianos
construir as suas máquinas. Assim, se
passaram os dias...



No nono dia,
um barulho
fez-me
acordar. Vi o
corpo do
sacerdote no
chão — e um
braço
metálico que
tacteava entre
as traves!



Rapidamente, atravessei a porta do depósito de carvão. O marciano ter-me-ia visto?



Algo se movia... batia... arrastava-se. Espirei para a cozinha. O marciano estava a levar o sacerdote.



Rastejei até ao carvão e tentei tapar-me.

Ouvi mexer na maçaneta da porta!

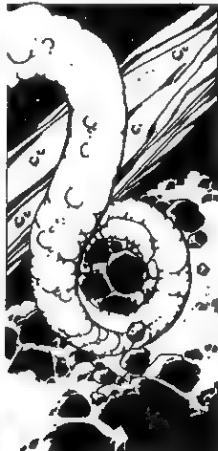
A porta abriu-se. Ele tacteava na minha direcção.



*Tocou-me no sapato.
Mordí a mão para não
gritar.*

*Pegou num bocado de
carvão e observou-o.*

*Depois, afastou-se.
A porta fechou-se.
Silêncio!*



*Não voltou. Fiquei mais um dia
na escuridão, até que a sede me
fez procurar água.*

*Acabei por atrever-me a espreitar
por uma fenda. Tudo deserto!*



Trepei pelo buraco
acima.



O dia parecia muito claro. O céu estava
azul. Não havia sinais de marcianos.



Comecei a andar em direcção a
Londres à procura de comida.



Vi correr para uma porta um gato que
eu assustara.



Depois, foi a vez de um rato *Lembro-me de me esconder numa vala!* fugir.



E de me enterrar no carvão!

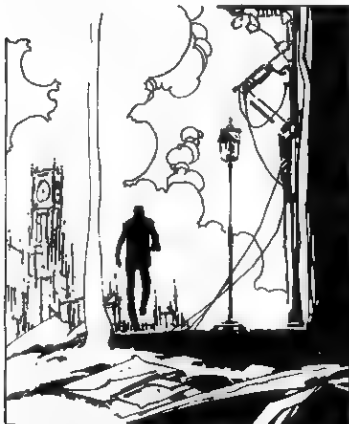


Tal como os animais, tinha de correr para me esconder de todos os ruídos e criaturas.

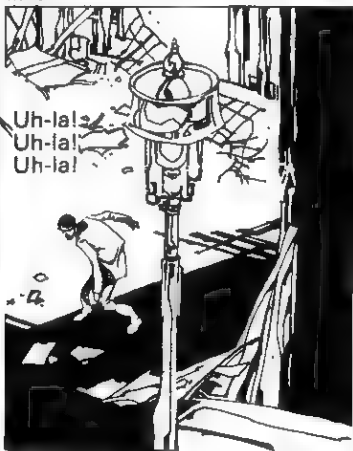
Vagueei durante dois dias à procura de comida e sem encontrar ninguém.



Cheguei a Londres mas não vi ninguém. Andei pelas ruas e sentia-me o último homem na Terra.



Foi perto de South Kensington que ouvi o primeiro uivo.



Era um som inumano, solitário.

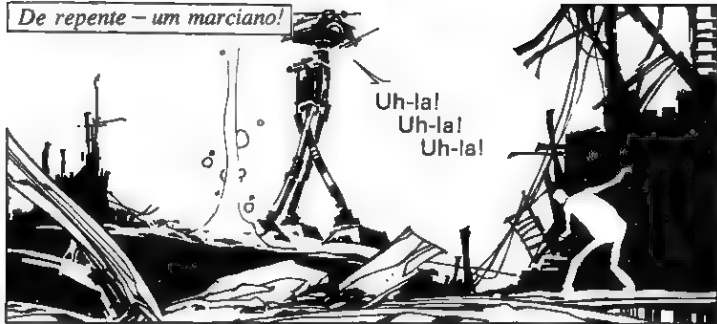
Não fazia ideia do que seria.



Cheio de medo, comecei a correr.

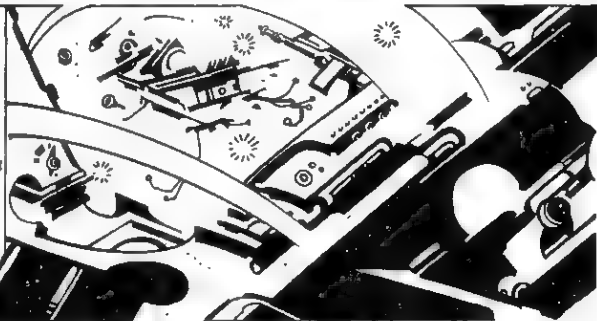


De repente — um marciano!



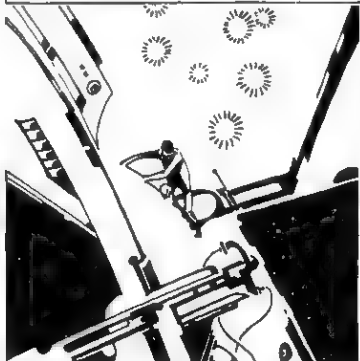
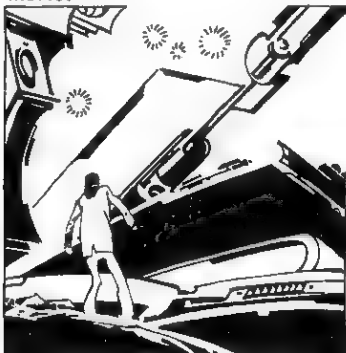
Uh-la!
Uh-la!
Uh-la!

O ruído
parou. O
silêncio
caiu como
um trovão.
A carapaça
tombou
para a
frente.



Corri para o monstro. Não se
mexia. Estava silencioso —
morto!

Trepei o pequeno morro que ficava
ao lado dele.



Os marcianos estavam mortos! Estavam espalhados por aqui e por ali, cerca de 50, vitimados por uma morte que não compreendiam.



Tinham sido mortos pela coisa mais pequena que Deus pôs neste mundo — as bactérias!*



Em Marte não há bactérias. Os corpos dos marcianos não estavam preparados. Mal chegaram à Terra, as pequenas bactérias começaram a sua destruição.



A doença matara os marcianos — tal como matara muitos homens, antes de aprendermos a combatê-la.

* micróbios

*Os telégrafos enviaram a notícia
para todo o mundo.*



*Os sinos das igrejas espalharam a
novidade por toda a Inglaterra.*



*Embarquei num dos comboios que
levava pessoas de volta a casa.*



E assim voltei, finalmente.



A janela do escritório estava como a deixara.



As nossas pegadas enlameadas ainda lá estavam.



E na secretária o trabalho que deixara para trás.



Desci. Ninguém estivera lá. A minha esperança fora em vão.



Então, aconteceu algo de estranho.

É inútil. Não está ninguém.



*Teria pensado alto?
Voltei-me e a varanda atrás de mim
abriu-se.*



*Surpreendidos e amedrontados
como eu, ali estavam a minha
mulher e o primo!*



*A minha mulher levou a mão à garganta e oscilou. Avancei e segurei-a nos
meus braços.*

Voltei, eu
sabia —
eu sabia!



É reconfortante voltar a segurar a mão dela, após tantos dias de sofrimento em que julgávamos um e outro mortos.



Estes acontecimentos mudaram as nossas ideias sobre o futuro do mundo. Aprendemos a não julgar este planeta isolado. Se os marcianos podem chegar a outro planeta, não há razão para não se viajar no espaço. É maravilhosa a ideia de que a vida deste planeta se possa espalhar pelo universo.

FIM

PERGUNTAS

1. Qual o aviso que os habitantes da Terra receberam sobre o perigo que vinha de Marte?
2. O que levou o narrador a pensar que os marcianos seriam incapazes de sair do buraco no baldio de Horsell?
3. Quais os dois métodos que os marcianos usaram para matar as pessoas da Terra?
4. Que aconteceu ao sacerdote?
5. Porque estariam os marcianos a apanhar pessoas e a metê-las em gaiolas?
6. Que foi que matou os marcianos?
7. Porque voltara para casa a mulher do narrador?
8. Que é um meteorito?

PALAVRAS A APRENDER

criaturas
gravidade

guinar
metálico

pânico
incerteza

Biblioteca RTP

Clássicos em Banda Desenhada

*Os maiores escritores de sempre,
ilustrados pelos melhores artistas modernos!*

Iniciativa editorial conjunta da
Radiotelevisão Portuguesa
e Editorial Publica
no âmbito do
Ano Internacional da Juventude



volumes publicados:

Alexandre Dumas OS TRÊS MOSQUETEIROS

Lewis Wallace BEN HUR

Alexandre Dumas O MÁSCARA DE FERRO

Anna Sewell O CAVALO PRETO

H. G. Wells A GUERRA DOS MUNDOS

a publicar:

Rudyard Kipling LOBOS DO MAR